

## **POLÍTICA PÚBLICA DE ESPORTE E LAZER NO FEIXO: EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO PARANÁ<sup>1</sup>**

**Recebido em:** 04/02/2013

**Aceito em:** 20/11/2013

*Renato Rangel*  
*Antonio Carlos Monteiro de Miranda*  
*Larissa Michelle Lara*  
Universidade Estadual de Maringá,  
Maringá – PR – Brasil

**RESUMO:** Este texto apresenta a pesquisa realizada na comunidade quilombola do Feixo, na cidade da Lapa – Paraná, a partir do desenvolvimento de uma política pública de esporte e lazer. A imersão em 27 comunidades deu-se entre os anos de 2008 a 2011 com o intuito de verificar o desenvolvimento de políticas públicas de esporte e lazer nos quilombos. Das comunidades quilombolas investigadas, o Feixo foi a única a receber uma política pública de esporte e lazer por meio da implantação do Programa Segundo Tempo, ofertado pelo Governo Federal, o que nos levou a conhecê-lo no sentido de avaliar seu desenvolvimento na localidade. Os dados revelam o papel social desempenhado por esse programa numa realidade quilombola no Paraná e atentam para os problemas decorrentes de sua operacionalização, os quais comprometem sua sobrevivência, funcionamento e aprimoramento como política pública inclusiva.

**PALAVRAS CHAVE:** Esportes. Atividades de Lazer. Políticas Públicas.

### **PUBLIC POLICY FOR SPORTS AND LEISURE IN *FEIXO*: RESEARCH EXPERIENCES IN A “QUILOMBOLA” COMMUNITY IN PARANÁ**

**ABSTRACT:** This text presents the research done in the “quilombola” community *Feixo* in the city of Lapa - Paraná, from the development of public policy for sports and leisure. The immersion in 27 communities took place between the years 2008 to 2011 in order to identify the development of public policies for sports and leisure in “quilombos” (maroons) and development. Of the communities surveyed, the *Feixo* was the only one to present a policy for sports and leisure, offered by the Federal Government and called Second Time Program, which led us know it in order to assess its development in the locality. The data reveals the social role played by this program, a reality site and calls attention to the problems arising from its implementation which compromises their survival, development and operating as a public policy inclusive.

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer, no período de 2008 a 2009, e pela Fundação Araucária-PR, no período de 2009 a 2011.

**KEYWORDS:** Sports. Leisure Activities. Public Policies.

## Introdução

Meu cabelo enrolado  
Todos querem imitar  
Eles estão baratinado  
Também querem enrolar...

Você ri da minha roupa  
Você ri do meu cabelo  
Você ri da minha pele  
Você ri do meu sorriso...

A verdade é que você  
(Todo brasileiro tem!)  
Tem sangue crioulo  
Tem cabelo duro  
Sará, sarará  
Sará, sarará  
Sará crioulo...<sup>2</sup>

A motivação inicial em pesquisar políticas públicas de esporte e lazer em comunidades quilombolas no Paraná surgiu em 2007 em atendimento a um edital da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, do Ministério do Esporte (SNDEL/ME). A pesquisa foi iniciada em 2008 e procurou mapear as políticas públicas de esporte e lazer encontradas em comunidades quilombolas no Estado, bem como as práticas corporais recorrentes que tivessem relação com a história das tradições dessas comunidades. Era necessário verificar a cultura local e o alcance dos projetos já existentes em termos de possibilidades de intervenção apropriada para os quilombolas na forma de novas políticas e programas.

---

<sup>2</sup> MACAU; D'SÁ, S. Olhos coloridos. In: CD **Olhos Coloridos**, 1995. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/sandra-de-sa/74666>. Acesso em: jul. 2011.

Na época (2007), dados oficiais<sup>3</sup> apontavam a existência de 30 comunidades remanescentes de quilombo no Paraná. Dessas, 27 foram investigadas pelo Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade no que se refere a sua caracterização em termos de organização, trabalho, educação, saúde, religião e, notadamente, esporte, lazer e práticas corporais. A comunidade do Feixo foi a única que apresentou uma política pública de esporte e lazer por meio do Programa Segundo Tempo, do Governo Federal, conforme mapeamento realizado em 2008. Daí ter sido necessário investigá-la diretamente, o que foi possibilitado a partir de 2009 com o financiamento da Fundação Araucária.

A Constituição Federal, de 1988, em Art. 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), estabelece que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). Essa foi uma ação importante de reconhecimento dos direitos quilombolas, intensificada com o decreto n.º. 4.887/2003 que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. O Art. 2º desse decreto reconhece como remanescentes das comunidades dos quilombos “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações

---

<sup>3</sup> Esses dados foram obtidos pelo Grupo de Trabalho Clóvis Moura (GTCM), criado em 2005 pela resolução conjunta n.º 01/2005 entre diversas secretarias do Governo do Paraná, sendo responsável pelo mapeamento das comunidades afrodescendentes no Estado. O nome homenageia Clóvis Moura, sociólogo negro, estudioso e pesquisador do negro no período escravista e no contexto do movimento negro no Brasil.

territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (BRASIL, 2003).

Com base nas incursões realizadas por comunidades remanescentes de quilombo é possível defini-las, atualmente, como agrupamentos de famílias que comungam espaço comum de moradia, com laços históricos relacionados à etnia afro-brasileira, marcados por processo de exclusão relacionado, especialmente, à cor, à cultura, à terra, à religião e ao trabalho. Contudo, a cor negra não é, necessariamente, condição caracterizadora do “ser quilombola” hoje, haja vista que essa condição não está mais na pele, mas nas marcas históricas que se dão ao longo das gerações, sobretudo relacionadas à falta de propriedade e terra para plantar, mesmo que esse não seja o seu principal meio de subsistência.

O negro liberto da época da escravidão sacrificou suas manifestações culturais em detrimento de uma cultura de embranquecimento, fortalecida pela afirmação da igreja católica, pela ação das forças políticas e pelo subproduto do capitalismo. Ele sofreu com o preconceito e com a marginalização, o que se reflete nas comunidades quilombolas na sociedade hodierna, quando muitas não mais se reconhecem em sua história de lutas, sofrimento, negritude e religiosidade afro-brasileira. Isso porque, diferenciar-se como “quilombola” é colocar-se como “apêndice” da sociedade e os quilombolas buscam igualdade, inclusive cultural, de modo que se sintam parte da sociedade, que tem suas próprias conformações.

No Brasil e em toda a chamada América Latina, a cultura de embranquecimento ou blanqueamiento baseou-se na hipótese da inferioridade do negro, no elogio à miscigenação e na subordinação da mulher de formas diferenciadas, de acordo com sua condição racial. As propostas de branqueamento remontam aos primeiros tempos coloniais e eram subscritos por abolicionistas em vários países das Américas Central, do Sul e também do Caribe. O frei Alonso de Sandoval, por exemplo, já defendia em 1627 o embaquecimento como solução para a eliminação da “mancha negra” (NASCIMENTO, 2003, p. 129).

De alguma forma, as políticas públicas, entendidas como ações de órgãos municipais, estaduais e/ou federais em interrelação com diferentes setores da sociedade (populares, ONG's, instituições públicas e privadas) que busquem qualificar os modos de vida de uma dada população, procuram suavizar os impactos dessa marginalização culturalmente construída. Daí ser evidente o desenvolvimento de políticas que se voltem para os diferentes atores sociais nos aspectos de formação, esporte, direito ao lazer e inclusão, com estímulo à participação de todos os segmentos da sociedade por meio de práticas formais e não formais, com recursos alocados para a cultura popular local.

Pode-se perceber a mobilização de grupos representantes da sociedade civil e do Estado que discutem e fundamentam suas argumentações no sentido de regulamentarem direitos sociais e “formularem uma política pública que expresse os interesses e as necessidades de todos os envolvidos” (CUNHA; CUNHA, 2002, p.12). Entretanto, em relação às comunidades quilombolas, essa mobilização ainda é recente, o que exige o engajamento de todos os envolvidos no sentido de garantir esse direito e torná-lo parte do cotidiano das pessoas diretamente envolvidas.

Observar as discrepâncias entre aquilo que teoricamente nos é apresentado e o que realmente ocorre nas comunidades quilombolas mexe com nossa condição cidadã e intensifica a responsabilidade social do pesquisador. A intenção inicial, na comunidade do Feixo, era fazer a imersão na localidade para observar, sem interferir no contexto, o que talvez tenha sido a mais complexa das tarefas dos pesquisadores. Contudo, durante o decorrer da pesquisa, problemas foram diagnosticados e os diferentes atores sociais incitados a questionarem sua própria condição na busca por melhores formas de vida. A orientação etnográfica foi o caminho escolhido, com base nos estudos de Geertz (1989) para o desenvolvimento dessa pesquisa, embora reconheçamos que os desdobramentos

da investigação em campo e o caráter político assumido junto à comunidade do Feixo, notadamente na fase final da pesquisa, transcenderam, de certa forma, o formato etnográfico, cuja preocupação recai na descrição densa sem perspectivar intervenções do pesquisador no cotidiano da comunidade. Contudo, entendemos que essa ação final decorreu como instante complementar, não pensado inicialmente para a pesquisa, e veio a somar aos desdobramentos investigativos.

Entrevistas e observações foram realizadas no sentido de apreender dados que pudessem auxiliar os pesquisadores no entendimento das necessidades da comunidade em relação a políticas de esporte e lazer. Essas técnicas foram valiosas pelas observações do cotidiano, pelas experiências atreladas ao conhecimento acadêmico e, tantos outros fatos que possibilitaram sentir e apreender essa realidade, sem esquecer que, como lembra Geertz (1989, p. 7), “nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas”.

Fica explícita a necessidade de entender como ocorre uma política pública em comunidade quilombola no Paraná, mais precisamente a comunidade do Feixo-PR, que apresenta uma organização própria, a exemplo dos agrupamentos das famílias num mesmo terreno com o objetivo de ajuda mútua, porém influenciada por diversas culturas. Desse modo, buscamos destacar a realidade dessa comunidade em relação ao desenvolvimento de uma política pública de esporte e lazer, qual seja, o Programa Segundo Tempo sem, contudo, desconsiderar a teia relacional que contribui para o entendimento de como esse grupo social se caracteriza.

A pesquisa de campo na comunidade do Feixo ocorreu em quatro momentos, durante o período de 2008 a 2011, destacados no texto como quatro fases de imersão em campo, as quais procuram descrever a experiência com a comunidade,. A primeira

imersão deu-se em 2008 e procurou mapear a existência de políticas públicas no quilombo, num total de três dias. A segunda coleta deu-se em 2009, quando esse quilombo foi escolhido, juntamente com outros três, para o retorno dos pesquisadores por sete dias de imersão de modo a aprimorar a coleta. Dessa ação decorre a escolha do Feixo por ser a única comunidade a apresentar uma política pública de esporte e lazer, durante o período investigado. Em 2010, o retorno à comunidade deu-se por vinte dias de modo a identificar se ela apoiava a política pública de esporte e lazer existente e o que almejavam em termos de novas políticas, reflexão intensificada por meio de discussões sobre políticas públicas já existentes em âmbito federal. A quarta inserção deu-se em 2011 por cinco dias, de modo que os quilombolas fossem esclarecidos sobre a pesquisa desenvolvida na comunidade e sobre os dados coletados, o que possibilitou fomentar o debate acerca de seus problemas e necessidades, bem como de meios de reivindicação e luta.

Ao nos inserirmos em campo, procuramos ter bem definidos os objetivos orientadores da pesquisa, intercambiando os dados coletados em suas diferentes fases. Transcendemos o espaço do quilombo para buscar aporte no próprio município, por meio de museus, secretarias e pessoas que contribuíram com apontamentos históricos sobre o Feixo. Para tanto, foi necessário estabelecer aproximações com as secretarias e repartições, bem como dialogar com a comunidade e suas forças políticas representantes, as quais se davam ora na figura de um político, ora na forma de instituições, a exemplo da EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural) que trazia à comunidade programas de benefícios e incentivo. Assim, essas ações se configuraram como integrantes da rede que precisaríamos estabelecer para compreender melhor os anseios das comunidades, suas lutas e as dificuldades que

travavam diariamente na consecução de seus objetivos, algo comum em pesquisas de orientação etnográfica.

Dada a configuração metodológica apresentada, o texto estrutura-se a partir da dinâmica das quatro imersões em campo, as quais discorrem sobre a caracterização da comunidade do Feixo em termos de organização, trabalho, educação, saúde, religião e, notadamente, esporte, lazer e práticas corporais, com recorte para a política pública do Programa Segundo Tempo. Essa estruturação se dá pela própria orientação etnográfica, haja vista que, ao considerarmos o desenvolvimento dessa política pública em uma realidade local é inelutável reconhecer a comunidade investigada em termos de constituição de seu cotidiano, organização e formas de lazer, aspectos que se coadunam à estruturação da tessitura investigativa.

### **Incursões iniciais pela comunidade do Feixo**

O município da Lapa, onde se situa a comunidade quilombola do Feixo, está localizado a 70 km de Curitiba. Fundada em 1731 pelos tropeiros, a cidade foi palco de grande conflito armado entre maragatos e forças republicanas, conhecido como Revolução Federalista. O cerco da Lapa deu-se em 1894, produzindo heróis para a comunidade lapeana, como General Carneiro e seus companheiros combatentes.

Na Lapa, torna-se evidente a tentativa dos gestores em preservar a arquitetura típica das casas abastadas, testemunha da história que se tornou referência para os modos de vida lapeanos. Criou-se, com isso, uma estrutura que atrai turistas do Brasil e exterior. A origem do negro, na região, ou mesmo, a marca de sua participação nas construções, no trabalho escravo e na Revolução Federalista, em apoio ao General Carneiro, não se tornaram evidenciadas nas histórias de lapeanos com os quais



conversamos na cidade, o que parece levar à negação dessa etnia como copartícipe do modo de vida local.

Dita como comunidade do interior da Lapa, o Feixo está localizado a 18 km do centro, sendo dividido pela Rodovia da Maçã, aparentemente uma estrada de chão em condições precárias. A comunidade apresenta grande número de habitantes e taxa de natalidade elevada. Passando pela BR 376, sentido Município de Balsa Nova, é possível encontrar as seguintes vilas do lado direito: Paiol, Macaquinho, Pavão, Dos Bora, Dos Polacos e Dos Lagoão. Ao lado esquerdo temos: Mariantonio, Humaitá, Rincão (Ferreira, Dos Santos, Pedroso, Gomes, Arcides e Batista), Pedreira, Chácara e Campina.

As pessoas se reconhecem por apelidos, característica que entendemos ser oriunda de costumes dos escravos que se identificavam dessa forma. Em todas as vilas que compõem a comunidade há cercas para delimitação de espaço e separação das famílias com o objetivo de proteção de suas terras daqueles que detinham mais posses e interesse em ampliá-las, o que limitou a vida dos negros em termos de plantio e, conseqüentemente, de vida digna.

A Família dos Batista, localizada no Rincão, foi quem acolheu os pesquisadores durante todas as etapas de investigação. Aliás, o hábito da hospitalidade é comum. Os moradores do Feixo estão sempre prontos a uma “boa prosa”, um mate ou café acompanhado de broa ou cuca. A Vila dos Batista, talvez uma das mais antigas e com número grande de famílias (nove no mesmo terreno), serviu de referencial ao entendimento das relações dos moradores com o município. T.B<sup>4</sup>, a matriarca da família, viúva, aos 70 anos de idade, esbanjava bom humor e disposição. Mãe de treze

---

<sup>4</sup> Para essa investigação, serão utilizadas siglas das iniciais dos moradores da comunidade quilombola investigada.

filhos, avó de 56 netos e 14 bisnetos, ela era referência na comunidade, em especial, por realizar benzimentos, simpatias e rezas.

Fomos acomodados na residência de N.B., uma das filhas de T. B em uma casa de dois cômodos, sendo um quarto e uma sala. Nessa casa não havia banheiro, como outras na comunidade. De modo geral, as casas são construídas sempre próximas à casa da matriarca, com forno à lenha comunitário e, ainda um pequeno pomar e uma horta individual, parte integrante dos terrenos, e também nas casas de cada família.

Era habitual o relato de problemas relacionados à saúde, bem como queixas ligadas a promessas em período eleitoral que, conseqüentemente, geravam baixa estima nos moradores. Poucos relatos foram expressivos no sentido de estimar mudanças e perspectivas no que se refere à qualidade de vida da comunidade. O modo de vida resume-se a trabalho doméstico, rural no período de colheita, subempregos na Vila de Mariental (comunidade alemã distante a 4 km do Feixo) e empregos na Granja (atual SEARA) ou na Diquímica (fábrica de produtos de limpeza).

Os modos de lazer dos adultos estão relacionados ao que a igreja e seus cultos oferecem, como as festas em louvor aos santos da Igreja Católica, aos bingos beneficentes, às procissões e aos guardamentos (velórios), além das missas e cultos aos sábados e domingos. A prática do futebol é representativa do esporte na comunidade, a qual, até bem pouco tempo, possuía um time representativo na liga da Lapa – o Botafogo. Somente o público masculino realiza essa prática, cabendo às mulheres os serviços domésticos e as novenas. Quanto aos jovens, além do futebol, o interesse se dá por práticas corporais dançantes, como funk e vanerão, dois ritmos que predominam na região e que se aproximam dos produtos musicais ofertados na cidade.

Muitas atividades socioculturais, recreativas e esportivas não estão inseridas nessa localidade. Os quilombolas são separados por um pedágio que autoriza a passagem livre de transporte particular apenas aos que possuem documento de propriedade de terras na Lapa e, apesar do Feixo se localizar nessa cidade, alguns poucos moradores possuem essa documentação. O transporte coletivo não corresponde aos anseios dos quilombolas em relação aos espaços de lazer para a comunidade, o que limita a apropriação das ações culturais do município, restringindo a ida à cidade às necessidades de assistência social, hospital, bancos e trabalho. O quilombola – o popular – passa a ser excluído, de alguma forma, da vida em sociedade.

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado: os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam de fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e estilos (CANCLINI, 2000, p. 205).

Nessa linha, a discriminação nessa comunidade se intensifica na idade escolar por meio da negação das oportunidades vividas por crianças e jovens que estão na mesma fase escolar e que moram no centro urbano, as quais têm condições de acesso ao centro histórico, a cinema, teatro, jogos escolares, bem como acesso a professores melhor qualificados. O lazer dos quilombolas em relação ao espaço urbano acaba comprometido dada a escassez, pelos órgãos públicos, de oferta de oportunidades que possam intensificar a relação cultural entre os moradores do quilombo e os cidadãos.

No tocante à educação, observa-se a inexistência de creches e centros de educação infantil. O primeiro contato com o sistema formal de ensino acontece com o ingresso na Escola Municipal Arthur Costa e Silva ou, na Escola Municipal Rural Martim Afonso de Souza, no primeiro nível de ensino, de 1ª a 4ª séries, passando

posteriormente à Escola Estadual Antônio Lacerda Braga, localizada na Vila de Mariental, para cursar de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries e o ensino médio. A Escola Municipal localizada no Feixo não possui professores qualificados em nível de ensino superior, os quais têm apenas o ensino técnico de magistério. A escassez de mão de obra qualificada no setor educacional não é exclusividade local, uma vez que vivemos num país que pouco investe em educação. Como apresentado pelo comunicado n. 14 do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2011, p.15), “a atual capacidade de financiamento da educação (4,98 % do PIB) consegue apenas cobrir o valor das necessidades apuradas para manter e possivelmente gerar avanços pequenos no atual nível educacional brasileiro”, sendo o valor investido “[...] distante daquele indispensável ao financiamento das necessidades para o cenário que representa as melhorias substantivas para educação [...]”. Assim, a situação se agrava quando as carências não se resumem à educação, mas se estendem a outras dimensões do cotidiano de inúmeros sujeitos.

Na primeira visita realizada à comunidade, em 2008, poucas casas possuíam banheiros, os quais normalmente eram formados por pequenas construções de madeira que ficavam separadas das acomodações. Na segunda visita, em 2009, por iniciativa da prefeitura, a maioria das casas recebeu a instalação de um banheiro de alvenaria mais próximo à residência. Em 2011, os moradores criticaram a falta de orientações quanto à construção das fossas para esses banheiros que, em apenas um ano, transbordavam sem nenhuma providência. Segundo informações repassadas aos moradores, o fato da capacidade de tratamento de esgoto da zona urbana trabalhar acima do normal impediria o atendimento a mais uma demanda da comunidade.

Estima-se uma população de aproximadamente 1.300 pessoas no Feixo, organizada em cerca de 300 famílias. Quase todas possuem água encanada e boa parte

delas está inscrita nos programas sociais do governo, como Bolsa Família, Luz Fraterna, Vale Gás, Vale Leite, Pró-Jovem, entre outros, os quais contribuem para que essas famílias não atinjam a situação de miséria, embora possam comprometer situações que demandam de maior senso crítico, como tomada de decisões pelos populares, haja vista o “conforto provisório” em relação ao apoio desses projetos. Além desses programas, outras ações foram estabelecidas na comunidade para auxiliar em seu desenvolvimento, a exemplo da horta e granja comunitárias, mas que não conseguiram avançar por falta de liderança e organização dos próprios moradores, como eles próprios relatam.

Ações políticas voltadas para a comunidade buscam estabelecer vínculo nominal junto ao propositor da ação, ou seja, representam auxílio particular aos comunitários como, por exemplo, compra de botijão de gás, material para pequenas reformas ou reparos mas que não atendem diretamente ao coletivo. Problemas cotidianos que envolvem a comunidade, a exemplo da coleta de lixo, falta de saneamento, transporte e melhorias na saúde e educação deixam de ser prioridade em períodos não eleitorais.

Dos programas federais e estaduais desenvolvidos para tal auxílio, nas áreas tradicionalmente objeto de políticas públicas, como assistência social, meio ambiente, habitação, saneamento, produção agro-pecuária, abastecimento alimentar, educação, saúde, esporte e lazer, em parceria com o município, encontramos ações isoladas, sem planejamento para sua efetivação de modo seguro e duradouro e principalmente que estejam em sintonia com as necessidades da comunidade e não apenas em atendimento a uma chamada de projeto para captação de recursos.

Dentre essas ações políticas, um programa de política pública de esporte e lazer foi implantado na comunidade no centro de convivência denominado “Vem Ser”, na Escola Municipal Rural Martim Afonso de Souza, situada na Rodovia da Maça, ao lado

da Unidade Básica de Saúde, como observado na primeira visita ao quilombo. Trata-se do Programa Segundo Tempo (PST), do Governo Federal, que tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social.

O programa foi implementado e representa a única política pública de esporte e lazer existente na comunidade, algo crucial para entender a relação das práticas do Programa com as aspirações dos quilombolas. As atividades implantadas no PST eram aplicadas diariamente por estagiários, normalmente jovens que cursavam o 2º ou 3º anos do ensino médio, selecionados pelo C.I.E.E. (Centro de Integração Empresa Escola), no contraturno do horário escolar. Dentre as atividades desenvolvidas, como futebol, voleibol, dança, capoeira, artes e ginástica, as que mais se relacionavam com a matriz africana eram a capoeira, o samba e o axé, porém, desvinculadas de relações históricas e culturais de sua construção. A proposta do PST na comunidade quilombola do Feixo não se voltava exclusivamente para o atendimento a crianças e adolescentes quilombolas, o que levava à organização de práticas corporais diversas envolvendo diferentes segmentos sociais.

### **O retorno à comunidade e a observância de suas práticas de esporte e lazer**

Na segunda visita à comunidade quilombola do Feixo procuramos observar e incentivar as práticas esportivas e de lazer em todas as faixas etárias, bem como acompanhar o desenvolvimento do PST, aproveitando o período das férias escolares de julho que coincidem com a fase em que os trabalhadores da roça (colheita) estão sem

trabalho. O contato direto com as crianças possibilitou o reconhecimento da necessidade de práticas esportivas e recreativas elaboradas e aplicadas por profissionais qualificados, que objetivem, de maneira eficaz, a inclusão, a participação coletiva e, principalmente, a correlação das atividades com os diferentes aspectos que permeiam a vida daquela coletividade.

As crianças, por não terem contato com a Educação Física, limitam-se às atividades recreativas ministradas pela professora de sala, em ambiente adaptado (pátio descoberto), sem materiais adequados e, ainda, sem estímulos. As brincadeiras praticadas eram recorrentes de tradições da comunidade, como brincar com a setra (estilingue), chicotes improvisados para estalar, pesca, nado, pipas, pega-pega e futebol nos campos improvisados, além de repetição de gestos do trabalho dos adultos como forma de diversão (cortar lenha, ordenhar e lavar louças).

O Programa Segundo Tempo, que na primeira visita foi identificado como projeto de busca de melhoria do convívio e da integração entre crianças e adolescentes, contribuindo para a diminuição de sua exposição a riscos sociais, passa a ser visto, nesse segundo momento, em seus problemas, os quais levavam à evasão dos participantes do projeto. As principais dificuldades, inicialmente, não estavam atreladas somente a recursos orçamentários, mas também aos recursos humanos e administrativos. Talvez isso tenha ocorrido devido à falta de discussões junto à comunidade, o que priorizou interesses que permeassem a luta por inclusão das necessidades de ação conjunta das secretarias que iriam auxiliar na melhoria da qualidade de vida desses participantes e seus familiares.

A oferta de atividades do PST, desenvolvidas em 2008 e no primeiro semestre de 2009, foi diminuindo em razão de problemas relacionados à questão do transporte até

o centro de convivência, o que fez com que a demanda na participação fosse reduzida. Os pais dessas crianças não aceitavam que seus filhos de apenas 7 a 10 anos fossem deixados na beira da Rodovia da Maçã e tivessem que caminhar por quilômetros até suas casas, além de conflitos gerados por atividades mal orientadas que, por vezes, estimulavam o confronto físico entre crianças, nas ruas e na escola. A falta de instrumentos de avaliação do projeto também contribuiu para que ele passasse por um período de dificuldades, o que afetou sua sobrevivência.

Durante o período de estada na comunidade, reunimos os moradores e procuramos despertar o interesse deles por jogos, brincadeiras, práticas esportivas e recreativas, da infância à fase adulta, mesmo com certa resistência dessa última. O modo de vida dos jovens tem sido motivo de muita preocupação dos pais que reclamavam da impossibilidade dos filhos trabalharem na roça, já que eles não tinham nada para fazer e, ainda, deixavam o estudo de lado.

Muitos jovens dessa comunidade apresentam dificuldades de aprendizagem e, sem incentivo, abandonam o estudo, como é o caso de F.B (16 anos) que passa a maior parte do tempo sem atividade escolar ou profissional, dedicando-se a criar galos de briga (atividade apreciada pelas crianças e jovens). Outros se encontram em situação de risco social (drogas e álcool), além de seguirem sua vida sexual de forma desorientada, o que contribui para o agravamento da situação, tornando diversos jovens de 13 a 17 anos pais precoces, os quais poderiam ser orientados, inclusive por meio do PST.

Do mesmo modo que os jovens, muitos adultos se encontram em situação de risco. A grande maioria tem apenas a 4ª série concluída e o alcoolismo é a maior doença relatada no Posto de Saúde da comunidade pelas atendentes. As consequências do



alcoolismo vão muito além das questões fisiológicas, passando para as agressões, vandalismo, desemprego e preconceito.

Propusemos, durante nossa visita (após um encontro na igreja), a realização de caminhadas com as mulheres no período da manhã e percebemos o interesse de algumas que moravam mais próximas da região central do Feixo. Nosso intuito foi criar um espaço de aproximação com os moradores e mostrar algumas das possibilidades de organizar encontros para se unir e buscar seus direitos, encontrando na atividade física um meio de contribuir com sua saúde. As atividades com os adultos tinham como principal objetivo despertar a união entre os moradores, ponto chave para o desenvolvimento da própria comunidade. Isso se deu porque uma de suas maiores dificuldades, como conversado com os moradores, está na ausência de organização de ações coletivas em que uns possam confiar mais nos outros. Essa foi a principal questão decorrente dos quilombolas durante a segunda imersão em campo.

### **A terceira imersão em campo e a gestão do PST no Feixo**

A terceira coleta nessa comunidade ocorreu durante as férias escolares, com a chegada num dia marcado por garoa fina. T.B nos aguardava, como de costume, com café e broa. Procuramos, num primeiro momento, identificar moradores da comunidade que pudessem nos auxiliar nas visitas que faríamos não só em locais mais distantes da comunidade, mas junto às Secretarias de Educação, Esporte, Planejamento e Cultura. D.B. (35 anos) prontificou-se a nos acompanhar nos próximos 20 dias em que ficaríamos inseridos naquela localidade.

Traçamos como principal objetivo identificar os benefícios do PST na comunidade junto às crianças e adolescentes nos últimos dois anos. Durante o primeiro

semestre de 2010 não foi realizado o PST, o que nos levou a buscar as razões do cancelamento desse Programa na comunidade. Como relataram alguns quilombolas, ao final de 2009 poucos jovens participavam do projeto, sendo a falta de transporte sua principal causa, fato que figura como hipótese para o encerramento das atividades do PST.

Mesmo em meio a esse cenário, marcado pelo término do PST, notamos certa apatia por parte dos adultos, os quais não apresentavam nenhuma reação a esse acontecimento. Assim, ao procurarmos a Associação dos Moradores do Feixo, criada em 2009, para reflexões acerca do ocorrido, deparamo-nos com o informe de sua extinção. Um dos agravantes que culminou com o término da associação está relacionado à incoerência em sua estruturação, uma vez que o presidente era um morador de outra comunidade quilombola que pouco se aproximava dos problemas gerados no Feixo. Tais fatos contribuíam para manter a comunidade do Feixo ainda mais isolada.

No centro da Lapa, fomos até o gabinete da Prefeitura. Nele, foi-nos informado pela chefe de gabinete que todo recurso destinado aos quilombolas era a eles repassado. A prefeitura manifestou o sentimento de perda desse projeto, reconhecendo falha humana, haja vista que a responsável por enviar o cadastramento da proposta no SICONV (Portal de Convênios) não o fez no prazo estabelecido. Fomos informados acerca da possibilidade de reaver o orçamento para o projeto junto ao Governo Federal, porém, não seria liberado para utilização no ano de 2010 por se tratar de ano eleitoral; aliás, o recurso orçamentário foi quatro vezes maior que os primeiros anos, o que nos fez concluir que o maior problema relacionado ao não desenvolvimento do PST na comunidade do Feixo estaria diretamente ligado a questões burocráticas e recursos

humanos. Como lembra Maia (2003), o desenvolvimento de políticas públicas que sejam realmente democráticas e participativas requer o questionamento das políticas gestadas nos guetos dos gabinetes das secretarias, sejam estaduais ou municipais.

Na Secretaria de Esportes, fomos recepcionados pelo secretário que, em tom de conformismo, relatou falha humana em relação ao PST no tocante à execução burocrática. Em relação a outras ações de esporte e lazer junto à comunidade, o secretário<sup>5</sup> relatou: “Infelizmente nada tem sido feito desde a morte do sobrinho do Sr. L.S.O., conhecido por Tizio, que também se candidatou a vereador, mas faleceu às vésperas das eleições; ele era morador do Feixo e envolvido com o futebol”. Na sequência, complementou: “Conseguimos jogos de camisa e até que começassem a reforma, mas depois veio a falecer, ninguém mais se mobilizou”.

Perguntamos sobre os jogos escolares, olimpíadas, jogos cooperativos ou outra forma de buscar a socialização das crianças e jovens das escolas, tanto da zona urbana quanto rural. O secretário informou que há desinteresse por parte das escolas. Novamente questionamos sobre a quem cabe essa decisão e ele nos disse que seria à direção de cada escola. Comentamos sobre a possibilidade de articular as Secretarias de Esporte e Saúde, mas sua expressão demonstrou que isso seria algo distante, como relata: “A burocracia ocupa boa parte de nosso trabalho. Para conseguir seis telhas para a substituição em um ginásio da cidade foi preciso abrir licitação e, para tanto, pararam as atividades do local por mais de um mês, e o custo dessas telhas era de cento e quarenta e seis reais”<sup>6</sup>. Esse é apenas um exemplo entre tantos outros casos relatados por ele. Sobre o PST, no município, o secretário comenta:

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida pelo Secretário de Esportes da Lapa a Renato Rangel. Lapa, jul. 2010.

<sup>6</sup> Entrevista concedida pelo Secretário de Esportes da Lapa a Renato Rangel. Lapa, jul. 2010.

O PST não podia ter parado, mas infelizmente o município não dispõe de reservas orçamentárias para manter um programa de inclusão pelo esporte. Já sabemos que, para 2011, a verba será de quase um milhão de reais, mas o município arca com cerca de quase 40% deste valor. Mas, mesmo assim, temos que fazer de tudo, pois são quase seiscentos mil reais que vem para o município. Com este recurso, aumentaremos para 20 centros atendidos pelo PST na Lapa<sup>7</sup>.

Na Secretaria de Educação, buscamos informações sobre programas como EJA (Educação de Jovens e Adultos) para a comunidade do Feixo, quando nos informaram que, por duas vezes, tentaram fazer contato com os moradores da comunidade, mas não houve interesse por parte deles em relação à execução desse programa. Para que esse programa ocorra é necessária a constituição de um grupo mínimo de 12 pessoas. Outra informação que obtivemos diz respeito à construção de uma nova Escola Municipal próxima à BR, na vila São Cristóvão, divisa do Feixo com a Vila Mariental, com instalações adequadas para a prática de esporte e lazer. As obras já haviam começado, embora sem prazo definido para conclusão.

Ao retornarmos à comunidade, reunimos os moradores para uma reunião no intuito de compartilhar as informações obtidas junto às secretarias visitadas e propor reflexões. O reconhecimento da falta de união, liderança e organização da comunidade foi consenso entre eles, assim como a indignação em relação aos dados levantados no município, o que despertou certa euforia para a busca da resolução dos problemas enfrentados, mas ainda sem desdobramentos efetivos.

### **A última imersão em campo e a participação da comunidade na tematização das políticas públicas de esporte e lazer**

O retorno à comunidade quilombola do Feixo para a quarta etapa de coleta deu-se no mês de janeiro de 2011. O intuito era compartilhar com os moradores os dados

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida pelo Secretário de Esportes da Lapa a Renato Rangel. Lapa, jul. 2010.

coletados junto a eles, explicitando os desdobramentos da pesquisa de modo que também pudessem participar da elaboração dos nossos escritos e interpretações de sua realidade. Isso se deu em função de entendermos ser papel do pesquisador a “volta à comunidade”, visualizando-a como copartícipe do processo, avaliando se ela comunga da mesma leitura que dela fazemos no sentido da realização de um trabalho mais próximo possível da realidade investigada.

A estadia na comunidade deu-se novamente na mesma casa das coletas anteriores. Os populares já sabiam de nossa ida e nos aguardavam, sobretudo as crianças. Somente na família que nos recebia havia cerca de 20 crianças. Dessas, duas eram tetraplégicas e uma hiperativa, e integravam o cotidiano das brincadeiras junto às demais crianças, considerando suas particularidades e os momentos destinados a tratamento em Curitiba e junto à APAE. Em geral, as crianças dessa comunidade brincam muito e parecem não se importar com o frio. Ficam descalças ou de chinelo, sem agasalho, mesmo com a temperatura baixa. Possuem resistência, o que as torna intolerantes a muitos resfriados. Elas brincam de bola, de pega-pega, de empinar pipa, de correr atrás da vaca e de se esconder. Gostavam de nos esperar para brincar com elas.

No campo de futebol improvisado, em meio a madeiras para lenha, brincamos de empinar pipas, elefante colorido, chute ao gol, e com brinquedos que levamos para deixar na comunidade no intuito de que as próprias crianças aprendessem a cuidar coletivamente deles e iniciassem sua própria brinquedoteca. Foi explicado a elas que aqueles brinquedos ficariam na casa de uma das moradoras que havia cedido o espaço para guardarem os brinquedos, por não ocupar momentaneamente aquela residência. Orientações foram dadas para que pudessem conservá-los e para que brincassem coletivamente.

Além da rotina habitual que se dava com o despertar com galos, com mugido da vaca, canto dos pássaros e a observação do cotidiano dos quilombolas, fomos convidados para um baile de quinze anos na cidade da Lapa. Como nossa anfitriã seria homenageada nessa festa, nossa presença se tornou quase que obrigatória. Era o aniversário de um dos meninos da comunidade do Feixo que comemorava seus 15 anos num clube da cidade, com homenagens a pessoas que foram importantes em sua vida. Além do reconhecimento dessas pessoas, houve desfile maluco, poemas, música, dança, abraços, comida e bebida. Foi algo diferente pois, em geral, as festas de 15 anos são tradicionalmente feitas para as meninas. No outro dia, o encontramos na comunidade e recordamos alguns momentos de sua festa.

Durante os dias de estadia na comunidade, aproveitamos para realizar mais observações do cotidiano quilombola e visitar outras famílias. Temos clareza do quão amplo é o quilombo do Feixo e que nossa coleta deu-se numa parte pequena dele, embora procurássemos, de algum modo, compensar lacunas em relação à apreensão dos dados a partir da busca de outros interlocutores.

Uma das coletas que precisávamos fazer estava relacionada ao contato com a coordenadora do Programa Segundo Tempo para saber como estava ocorrendo o projeto na comunidade. A coordenadora nos recebeu, juntamente com sua filha (quem ajudou por algum tempo a mãe a desenvolver o projeto). Ambas falaram sobre o trabalho na comunidade, sobre as dificuldades que passaram a encontrar após a sucessão da gestão pública no município e também sobre as conquistas que vêm sendo obtidas com o projeto, no plano da melhoria das condições de formação das crianças.

Em entrevista, a coordenadora do núcleo Vem Ser<sup>8</sup> afirmou ter iniciado o Programa Segundo Tempo em 2006, com 220 alunos e sete estagiários, sem nenhum deles formado em Educação Física, tendo ONG's e a Petrobrás como parceiros desse projeto do Ministério do Esporte. Em 2009, o projeto passou a contar com um estudante de educação física e as atividades desenvolvidas eram: artesanato, dança, apoio pedagógico, futebol, vôlei e jogos pedagógicos (xadrez e dama). O projeto era oferecido no contraturno, de segunda a sexta-feira. As crianças recebiam lanche, almoço e jantar. Ocorriam reuniões pedagógicas todas as sextas-feiras para planejamento das atividades e uma reunião mensal na Lapa.

Com os problemas de sucessão da gestão municipal, em 2009, houve dificuldades para operacionalizar o projeto nas mesmas condições anteriores. Com a saída da cozinheira, medidas precisaram ser tomadas no sentido de garantir a alimentação das crianças. O projeto foi reduzido a duas vezes pela manhã no intuito de utilizarem os horários vagos para a confecção de pães de modo a alimentarem as crianças, sendo mantida a oferta das atividades em todos os dias no período da tarde. Essa estratégia foi adotada no sentido de garantir a alimentação dos participantes, haja vista que o lanche que vinha da Lapa, informa a coordenadora, constituído apenas por suco e bolacha, era insuficiente para alimentar as crianças.

Outras dificuldades apontadas pela coordenadora para o desenvolvimento do projeto na comunidade dizem respeito à internet que fora desligada e ao ônibus que antes pegava as crianças para levá-las até o projeto e que, em 2011, não havia mais. Isso fez com que alguns pais não deixassem seus filhos se deslocarem até o núcleo, ocasionando baixa na participação. A falta de recursos financeiros fez com que eles

---

<sup>8</sup> M.P.S. Entrevista com a coordenadora do Núcleo Vem Ser, do Programa Segundo Tempo, na Comunidade do Feixo, concedida a Larissa Lara e Renato Rangel. Lapa, 25 jan. 2011.

promovessem bingo e “sinhazinha” para a arrecadação de dinheiro e melhoria das condições de realização das atividades propostas pelo núcleo.

A coordenadora informa que as atividades ocorrem, muitas vezes, em turmas separadas de meninos e meninas. E isso não se dá por preconceito ou dificuldade didática, mas para evitar namoros durante o desenvolvimento do projeto e até problemas com pais de aluno. Afirma que há pais que apoiam o Programa, porque o conhecem. Fala do amor que tem pelo projeto e o quanto ele já contribuiu com a experiência esportiva das crianças, bem como, para além dela. Nessa direção, relata o caso de uma criança sem dentes, cujo problema foi observado no projeto, a tempo da menina realizar um tratamento que a levaria a ter uma dentição normal.

Em termos de atividades afro-brasileiras, pudemos observar a capoeira e algumas danças em que essa cultura se encontrava, de alguma forma, presenciada. Aliás, o próprio quilombola, no Feixo, tem dificuldades para se reconhecer como tal, uma vez que a nomenclatura quilombola veio externa a eles, e não de suas reivindicações. A comunidade do Feixo é predominantemente católica, a ponto de imagens de escultura de Nossa Senhora Aparecida serem encontradas na maioria das casas visitadas. Daí, talvez, não ter sentido o enfoque negro numa comunidade que praticamente não se reconhece como tal.

A igreja católica acaba sendo o ponto de encontro e também a central de notícias a serem disseminadas entre os moradores, tanto que, para chamá-los a uma reunião, fomos até a missa no domingo. Ao final, deram-nos a palavra para fazer o chamado para a reunião na casa de T. B., com convite a todos para discutirem acerca de problemas da comunidade e políticas públicas de esporte e lazer. Trouxemos até elas a síntese das imersões realizadas junto à comunidade, esclarecendo os objetivos da pesquisa e



apontando alguns problemas encontrados. Os populares nos acolheram bem, reconhecendo os esforços de compartilhar os dados da pesquisa com eles.

No dia de encontro na casa de T. B., o tempo fechou. Houve vento forte e chuva, o que dificultou o deslocamento de muitos moradores. Entretanto, conseguimos reunir cerca de 30 pessoas que se disponibilizaram a pensar os problemas da comunidade. Fizemos retomada do nosso trabalho e falamos de um prêmio recebido do Ministério do Esporte com o relato realizado sobre a comunidade do Feixo<sup>9</sup> no sentido de que entendessem que a inserção de pesquisadores na comunidade, com responsabilidade social, pode, de alguma forma, contribuir para que ela seja visualizada no sentido de uma intervenção apropriada.

Reunidos, conversamos ainda sobre a necessidade da comunidade se mobilizar, em união, para conseguir melhorias para todos, e que a ação individualizada dificultaria qualquer avanço no sentido da coletividade. Discutimos sobre o pedágio que dificulta suas vidas, inclusive em relação ao direito ao lazer no centro urbano, ainda mais sendo a Lapa reconhecida como “capital cultural” do Brasil, em 2011. O pedágio, a poucos metros da cidade, dificulta o acesso dos moradores com veículo próprio à oferta de esporte, lazer, saúde, convívio social, entre outras necessidades. A liberação do pagamento do pedágio dá-se, muitas vezes, com o comprovante de emprego na cidade ou da terra onde se vive, o que foge a qualquer possibilidade do “quilombola” que, em geral, não possui seu documento de terra. Trata-se de mais uma discriminação nessa sociedade tão desigual em que vivemos.

---

<sup>9</sup> O trabalho A experiência de uma política pública de esporte e lazer em uma comunidade quilombola no Paraná: o caso do Feixo foi eleito como segundo lugar da categoria relato de experiência, da região sul, na segunda edição do Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, em 2010, promovido pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, do Ministério do Esporte.

Após a conversa sobre algumas políticas governamentais já existentes no quilombo, como o PST, e sobre projetos governamentais que poderiam integrar a comunidade, como o PELC – Projeto Esporte e Lazer da Cidade, da Secretaria Nacional de desenvolvimento do Esporte e do Lazer – passamos à fase final de nossa estadia na comunidade no sentido de averiguarmos se eles realmente gostariam de uma política pública de esporte e lazer. Ao mencionarem seu interesse por políticas dessa natureza e também por melhorias que possam melhorar o cotidiano da comunidade, pedimos para que os presentes se organizassem em cinco grupos e que, por escrito, respondessem à seguinte pergunta: O que vocês querem de política pública de esporte e lazer? Cerca de 30 pessoas se organizaram em cinco grupos para discutir sobre os problemas da comunidade e apontar aquilo que gostariam em termos de políticas públicas de esporte e lazer. O Quadro 1 apresenta as respostas dadas pelos quilombolas do Feixo no sentido de tornar evidentes suas preocupações naquele momento.

Quadro 1 - Respostas dadas pelos quilombolas do Feixo em relação à questão sobre o que eles gostariam de ter como política pública de esporte e lazer.

Grupos	Respostas dadas pelos quilombolas do Feixo
<b>Grupo 1</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Praça com playground e segurança, devido ao vandalismo;</li><li>- Estrutura física para o campo de futebol, bem como orientação e organização de como trabalhar com o ser humano;</li><li>- Grupos de dança (como há no PST) para os adultos acima de 45 anos;</li><li>- Instrutor de educação física para todas as idades, pois a atividade física que fazem é sem orientação e com risco.</li></ul>
<b>Grupo 2</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Área de lazer, com parque para todas as idades;</li><li>- Mais apoio para o Programa dos alcoólicos;</li><li>- Clube de mães.</li><li>- Programa de Culinária;</li><li>- Casa de apoio à criança;</li><li>- Baile da terceira idade.</li></ul>
<b>Grupo 3</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Áreas de lazer que não sejam destruídas;</li><li>- Melhoria das condições do posto de saúde, ambulância e telefones públicos;</li><li>- Creches para que as crianças possam ficar enquanto as mães trabalham;</li><li>- Garantir o desenvolvimento do Programa Segundo Tempo e dos recursos para a merenda;</li><li>- Melhorar as estradas para a passagem do ônibus escolar de modo a não atrapalhar o desenvolvimento das aulas.</li></ul>
<b>Grupo 4</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Creche;</li><li>- Parque de diversão;</li><li>- Líderes para exercer funções públicas tais como atendimento 24 horas;</li><li>- Telefone fixo no posto de saúde e melhor atendimento para a população que precisa de</li></ul>

- ambulância;
- Tardes dançantes com pessoas idosas, adultos, jovens, adolescentes;
  - Organização para fazer algo a mais na escola com o esporte, não somente futebol, vôlei, atletismo, natação e luta como defesa pessoal;
  - Instrutores ou professores;
  - Melhorias na alimentação escolar, envolvendo qualidade, organização e distribuição.
- Grupo 5**
- Organização e cooperação para que todos possam cuidar das coisas da comunidade;
  - Melhor atendimento nos postos de saúde;
  - Recolhimento do lixo duas vezes por semana;
  - Asfalto nas estradas e ônibus da Lapa que possa passar por dentro do Feixo;
  - Mais estagiários no centro de convivência Vem Ser, em que ocorre o PST;
  - Melhorar o campo de futebol e continuar as reformas para que o time do Feixo possa jogar e competir com outros times;
  - Creches para abrigar as crianças e dar trabalho para quem ainda não tem;
  - Arrumar telefones públicos;
  - Fazer praça;
  - Parques para as crianças;
  - Salão para bailes.
- 

Como evidencia o Quadro 1, os anseios em relação a esporte e lazer mesclam-se a outras necessidades que os quilombolas entendem ser necessárias à coletividade. Há relações inseparáveis como, por exemplo, a solicitação de praça com *playground* associada à contratação de segurança, uma vez que os próprios quilombolas reconhecem que tudo que é público na comunidade acaba não sendo de ninguém, sofrendo vandalismo e destruição. Isso pode ser observado também em relação aos telefones públicos, pois o atendimento de ambulância não responde aos chamados realizados de celulares, mas apenas de telefone fixo. Uma vez quebrados os aparelhos públicos, o atendimento passa a ser dificultado.

Em relação a políticas públicas de esporte e lazer, os quilombolas sentem falta de praças, de grupos de dança e bailes para adultos, de melhorias no PST, de reformas no campo de futebol e instrutores/professores para os orientarem em suas atividades e também de melhor utilização do espaço da escola com esporte. Em relação a outras políticas, os quilombolas precisam de creche para as crianças, melhor atendimento em postos de saúde, asfalto em estradas, conserto e manutenção da telefonia pública, melhora do recolhimento de lixo, entre outros.

Embora os quilombolas tenham mesclado necessidades de políticas gerais com necessidades de uma política pública de esporte e lazer, cabe salientar que essa situação é perfeitamente compreensível e merece ser refletida. Se partirmos da ideia da não existência de uma hierarquia das necessidades<sup>10</sup> ou que essa hierarquia precisa ser superada a partir da ideia de que a identificação e a satisfação de uma necessidade podem levar necessariamente ao reconhecimento de outra, a exemplo do *playground* associado à segurança, passamos a entender os apontamentos feitos por eles no sentido do estabelecimento de políticas intersetoriais que objetivem, a partir do diálogo entre frentes diversas e intercambiantes, a melhoria das condições de vida da população. Nesse intuito, é mister entender que não há como esperar que sejam sanadas carências de alimentação e moradia, bem como de acesso à terra, para que providências sejam tomadas em relação ao esporte e ao lazer nessas comunidades. Cada ação efetivada em prol da vida comunitária pode desencadear outras ações que tragam benefícios em termos materiais e existenciais, embora nem mesmo os quilombolas tenham, por vezes, consciência desses desdobramentos.

### **Considerações finais**

A pesquisa realizada junto à comunidade quilombola do Feixo possibilitou-nos refinar o olhar para um tema amplo e complexo que se refere às políticas públicas de esporte e lazer, em especial, aplicadas a uma comunidade remanescente de quilombos, no Paraná. Para essa compreensão, investigamos essa comunidade no período de 2008 a

---

<sup>10</sup> O psicólogo americano Maslow (1975) desenvolveu uma teoria para explicar o que motiva o indivíduo à realização de ações. Para ele, o indivíduo é motivado por necessidades, as quais se organizam em escala hierárquica. Somente após cumpridas as necessidades básicas é que o indivíduo passaria a sanar outras necessidades. A ordem sequencial de apresentação das necessidades, dispostas em escala piramidal, partindo da base para o topo, seriam: a) fisiológica, b) de segurança, c) de amor/sociais, d) estima, e) autorrealização.

2011, com quatro inserções em campo, embora tenhamos procurado manter o contato com ela no intuito de acompanhar, minimamente, suas ações cotidianas e desdobramentos comunitários.

A investigação nesse quilombo aponta para deficiências organizacionais, tanto na comunidade quanto na gestão pública, o que nos leva a afirmar que a comunidade carece de motivação em termos do despertar de lideranças já existentes, bem como o município precisa inserir adequadamente as comunidades quilombolas em seu planejamento político com vistas a melhorar as condições de oferta de esporte, lazer, transporte e saúde. Ainda, a falta de instrumento de avaliação, por parte do município, da política pública de esporte e lazer desenvolvida no Feixo compromete ações em termos de melhorias do cotidiano quilombola, acrescido da falta de qualificação dos gestores, da realização de debates entre gestores e comunidade que possam conduzir a reflexões acerca das peculiaridades de um dado grupo social. Torna-se fundante insistir em uma ação conjunta das secretarias que possa promover articulação e integração entre os envolvidos para que as práticas do esporte e do lazer alcancem seus objetivos dentro das políticas públicas inclusivas.

Entendemos que a criação ou a revitalização de espaços públicos na comunidade, bem como a potencialização de seu uso responsável na esfera do esporte e do lazer, torna-se necessária no sentido da valorização do ser humano e da aposta em uma educação que prime pela liberdade, tal qual aponta Chauí, “[...] que não se encontra na ilusão do ‘posso tudo’, nem no conformismo do ‘nada posso’. Encontra-se na disposição para interpretar e decifrar os vetores do campo presente como possibilidades objetivas, isto é, como abertura de novas direções e novos sentidos a partir do que está dado” (2000, p. 467).

Por fim, o Programa Segundo Tempo implementado na comunidade quilombola do Feixo representa a única política pública de esporte e lazer existente em 27 comunidades quilombolas pesquisadas, ação que trouxe contribuições ao cotidiano de crianças e adolescentes mas que, por seus problemas e insuficiência operacional em atendimento às necessidades dos participantes, demanda mais atenção por parte dos órgãos gestores. Entendemos que a ação governamental se faz necessária no sentido de igualdade entre aqueles que a sociedade trata como desiguais e que os passos iniciais, na esfera do esporte e do lazer, talvez possam se dar no momento em que reconhecermos as inúmeras dificuldades existentes e lutarmos efetivamente por uma política pública que, de forma organizada, se complete nessa relação com a cultura quilombola da comunidade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 out. 1988. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>. Acesso em: 05 dez. 2011.

BRASIL. **Decreto nº 4.887**, nov. 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm). Acesso em: 25 maio 2011.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

CUNHA, E. de P.; CUNHA, E. S. M.. Políticas públicas e sociais. In: CARVALHO, A.; SALES, F. (Org.) **Políticas públicas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p.11-25.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

IPEA. **Comunicados do IPEA**. Financiamento da educação: necessidades e possibilidades. N° 124, 14 dez. 2011. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/111214\\_comunicadoipea124.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/111214_comunicadoipea124.pdf). Acesso em: 05 dez. 2012.

MAIA, L. F. dos S. A formação de técnico em lazer e suas possibilidades de atuação e intervenção em políticas públicas. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MASLOW, A. H. Uma teoria da motivação humana. In: BALCÃO, Y.; CORDEIRO, L. L. (Org.). **O comportamento humano na empresa**. Rio de Janeiro: FGV, 1975, p. 337-366.

NASCIMENTO, E. L. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: SELO NEGRO, 2003.

#### **Endereço dos Autores:**

Renato Alexandre Rangel  
R. Ébano, 99 – Pq Res. Quebec, Maringá – PR  
CEP: 87023-290  
Endereço Eletrônico: [ale\\_otaner@hotmail.com](mailto:ale_otaner@hotmail.com)